-HERGÉ-

★

AS AVENTURAS DE

TINTIM

★

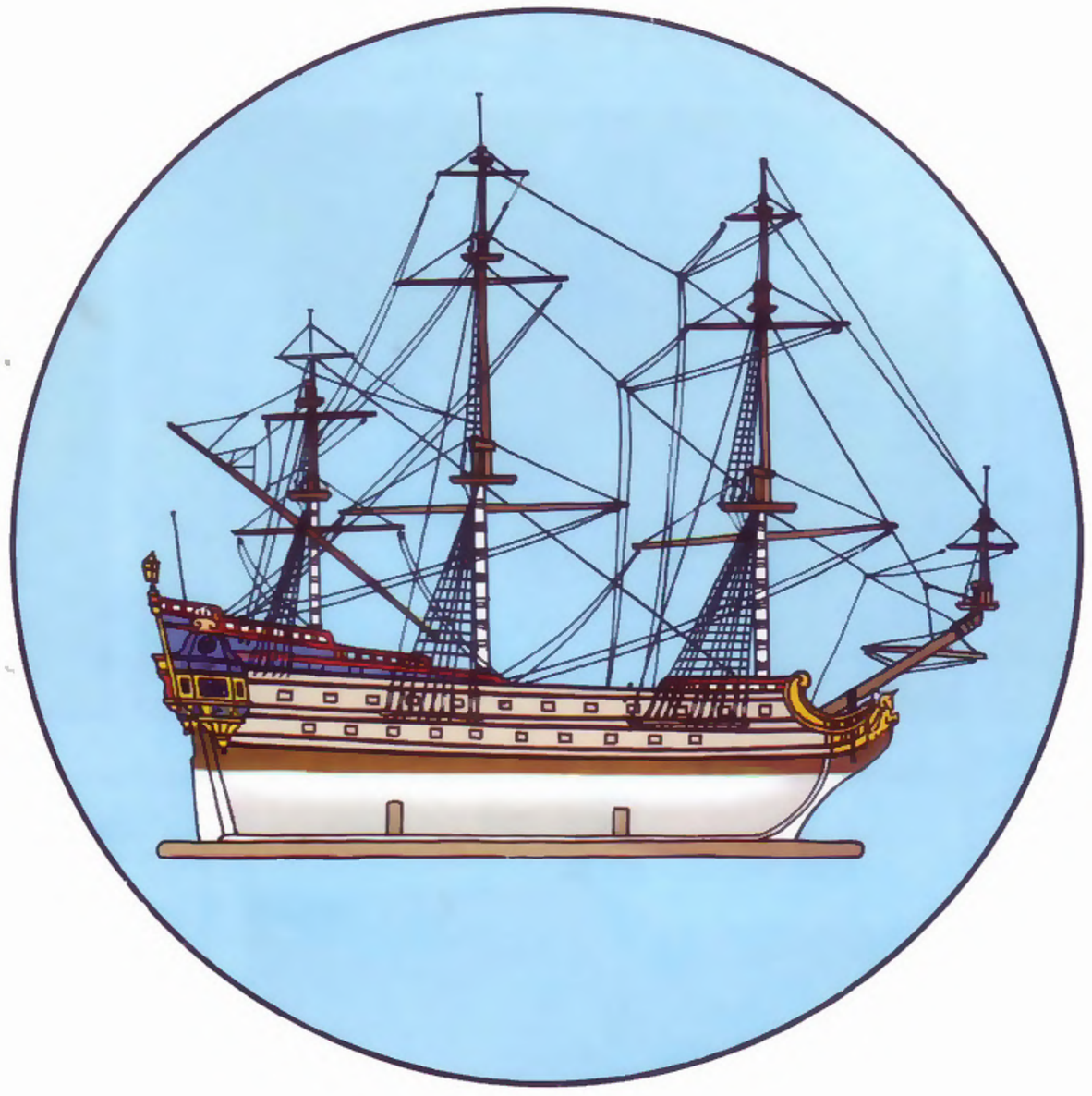
O SEGREDO DO LICORNE

DIFUSÃO VERBO

- HERGÉ -

AS AVENTURAS DE TINTIM

O SEGREDO DO LICORNE

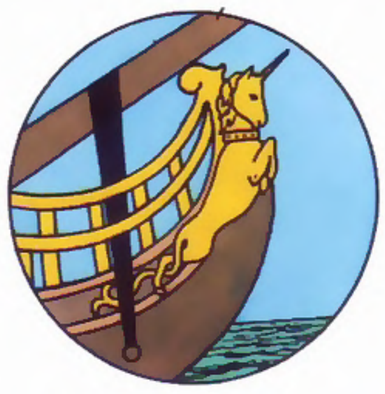


DIFUSÃO VERBO

© 1946, *by* Casterman
Impresso na Bélgica para
Verbo Publicações Periódicas
Depósito legal n.º 235203/05
http://www.casterman.com

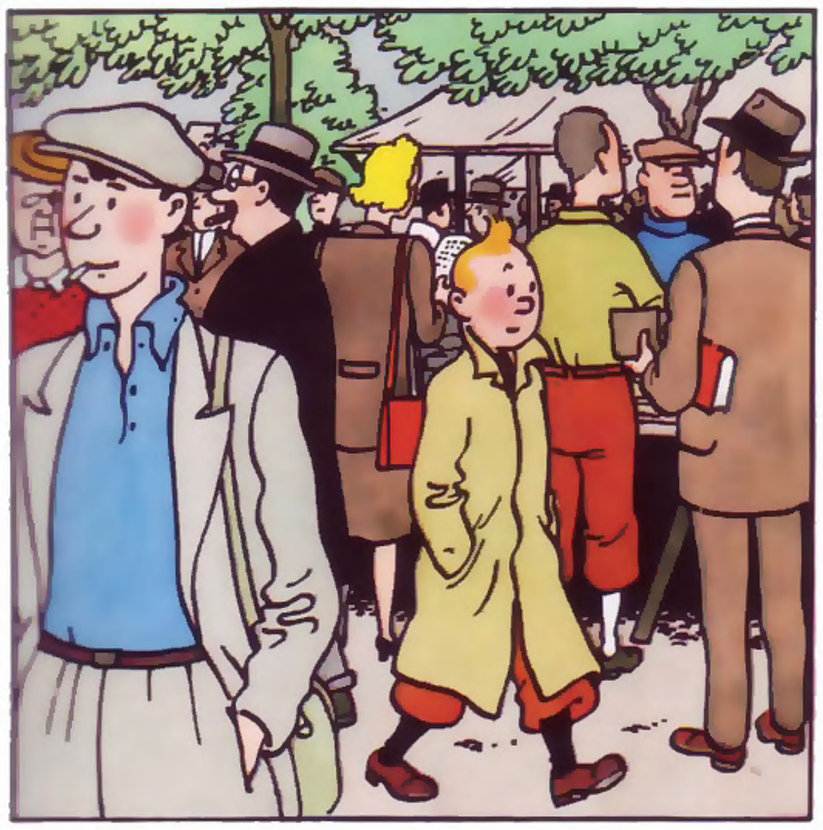
Visite-nos em www.editorialverbo.pt

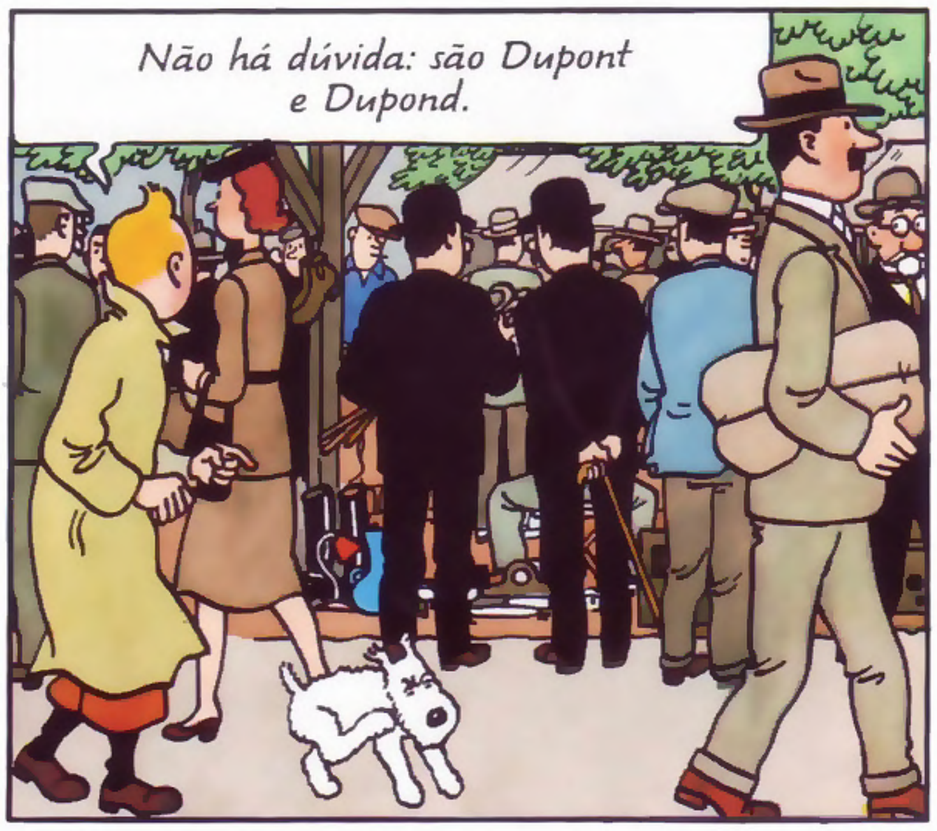
O SEGREDO DO LICORNE



CASOS DO DIA-A-DIA

Desde há algumas semanas que os roubos em lugares públicos se vêm multiplicando de maneira inquietante. Os grandes armazéns, os cinemas, os mercados, as feiras, são o campo de acção de audaciosos carteiristas. Parece estar-se em presença dum bando bem organizado. A Polícia encarregou os seus melhores detectives de descobrirem esses meliantes.





Está a ver? Aqui, é preciso regatear sempre.

?

Roubaram-me a carteira!

Mas, vejamos, isso é ridículo!... Com certeza esqueceste-te dela em casa... ou talvez a tenhas perdido?

Não, roubaram-ma, não há a mínima dúvida!

Vá, segura nas bengalas: eu pago.

Semelhantes histórias só te acontecem a ti!... Deixar, estupidamente, que lhe roubem a carteira!

?

Também me roubaram a minha!

Não se preocupem, eu pago por vocês.

Está bem, muito obrigado... amanhã, devolvemos-lhe o dinheiro.

Aqui está.

Adeus! Vamos, imediatamente, apresentar queixa...

Agarra que é ladrão!... Agarra que é ladrão!... A minha mala!...

Que se passa?

Foram uns carteiristas, apanhados em flagrante.

Polícia secreta! Polícia secreta!... Vão dizer isso na esquadra!

Milu!... Milu!...

Está bem. Já vou...

Ouve lá, Milu, olha que lindo navio!

É, realmente, muito bonito. Apetece-me mesmo comprá-lo para o oferecer ao capitão Haddock...

Quanto custa?

Cinquenta francos. É uma peça única. É uma... coisa... Aaah... Uma espécie de «escaravela» dos tempos antigos

Quarenta francos?

Está bem: por quarenta francos, é seu.

Quanto custa esse barco?

Tenho muita pena, caro senhor, mas acabo de o vender a este jovem.

!

Eu compro-lho!

Tenho muita pena, caro senhor, mas não tenciono vendê-lo.

Vejamos, jovem! Eu sou coleccionador... Quanto pagou por ele?... Ofereço-lhe o dobro!

Obrigado, mas fico com ele.

Quanto custa esse barco?

Lastimo, caro senhor, mas este barco já não está à venda.

Vamos, jovem, ofereço-lhe cem francos!

Duzentos!

Não!

Trezentos!

Quinhentos!

Meus senhores, desejo oferecer este barco a um amigo, portanto não o vendo! E peço-lhes que não insistam...

Mas que foi que lhes deu, a todos, para quererem comprar o barco?

Alguns minutos mais tarde...

É, realmento, muito bonito... O capitão Haddock vai ficar contente.

DRRING

Ah! Deve ser ele...

Peço muita desculpa, mas sou eu, outra vez!

?

Desculpe-me se insisto desta maneira, mas, como lhe disse, sou coleccionador. Coleccionador de modelos de navios. E ficaria especialmente feliz se consentisse em vender-me o seu.

Caro senhor, já lhe disse que quero oferecê-lo a um amigo e que...

Tenho, precisamente, outros barcos tão bonitos como o seu. Podemos fazer uma troca: desse modo, o seu amigo...

É inútil! Não insista, por favor. Fico com este

Seja... Mas reflicta um pouco. Vou dar-lhe o meu cartão-de-visita. Assim, se mudar de opinião...

Não conte com isso.

Até breve, espero...

Adeus, caro senhor.

?

BUUM

Que se passa?

Milu!... Que fizeste?

Está mesmo partido!

Felizmente, não foi nada de grave: o desastre repara-se depressa.

DRRRING

Desta vez, é o capitão!

Viva!

Bom dia, capitão. Tenho muito prazer em vê-lo.

Venha por aqui. Tenho uma pequena surpresa à sua espera.

Oh!... Que magnífico barco!

Raios e coriscos!

Onde... Onde é que encontrou este barco?

Onde?... No mercado velho. Mas porquê?...

Com mil milhões de macacos!... Que extraordinária coincidência!... Veja você que...

Não! Acompanhe-me a minha casa: vai ver!

Extraordinário!... É realmente extraordinário!

Pronto, cá estamos!

Já vai ver...

Olhe!

Este... este é o senhor?...

Não. É um dos meus antepassados. O cavaleiro Hadoque, que viveu no reinado de Luís XIV.

Mas veja mais de perto. Examine o barco que se encontra em segundo plano.

Parece-se muito com o que viu em minha casa, não acha?

Precisamente!... É o mesmo! Exactamente o mesmo!... Não é extraordinário?

Este tem um nome. Veja, aqui, em letras pequeninas:
O Licorne

É verdade: O Licorne... Nunca tinha reparado.

Será que, por acaso, o meu também tem nome?... Deviamos tê-lo trazido. Espere um pouco: vou buscá-lo.

Se o meu tivesse o mesmo nome, era, realmente, engraçado...

Deixa ver...

Com a breca!... Desapareceu!!!

DRRRING... DRRRING... DRRRING...

Está?... sim... estou a ouvir... ah! É você... então? O seu barco tem o mesmo nome?... Que me diz?... Roubado?

Sim, roubado!... Sim... suspeitas?... Não, nenhuma... a não ser que... vou desligar, capitão. Depois, torno a telefonar-lhe...

Sim... não pode ser senão ele...

Ivan Ivanovitch Sakharine

COLECCIONADOR

Rua do Eucalipto, 21

Agora nós, senhor Ivan Ivanovitch Sakharine!...

Cá estamos...

RUA DO EUCALIPTO

Tenho a impressão que estamos, mais uma vez, metidos num grande sarilho...

DRRING

21

Não creio enganar-me, ao pensar que ele ficará bastante surpreendido por me ver...

Ah! É o senhor!... Mas entre... Estava à sua espera...

!

Ah?... Estava à minha espera?... Portanto, conhece o fim da minha visita?

Mas... naturalmente!...

Vem anunciar-me que decidiu vender-me o seu barco...

Não, caro senhor!

Ah?... Então, não compreendo...

Pois bem, veja o senhor... é por aqui, a sala das suas colecções?... Veja o senhor que o meu barco desapareceu...

... Por isso, espero que me explique como é que ele se encontra aqui!!!

Está enganado, meu jovem amigo, este barco pertence-me há mais de dez anos!...

Há mais de dez anos? Mas o senhor tentou comprar-mo, ainda não há duas horas...

Não foi este, jovem! Não foi este!... O seu era exactamente igual, com efeito, mas este é meu.

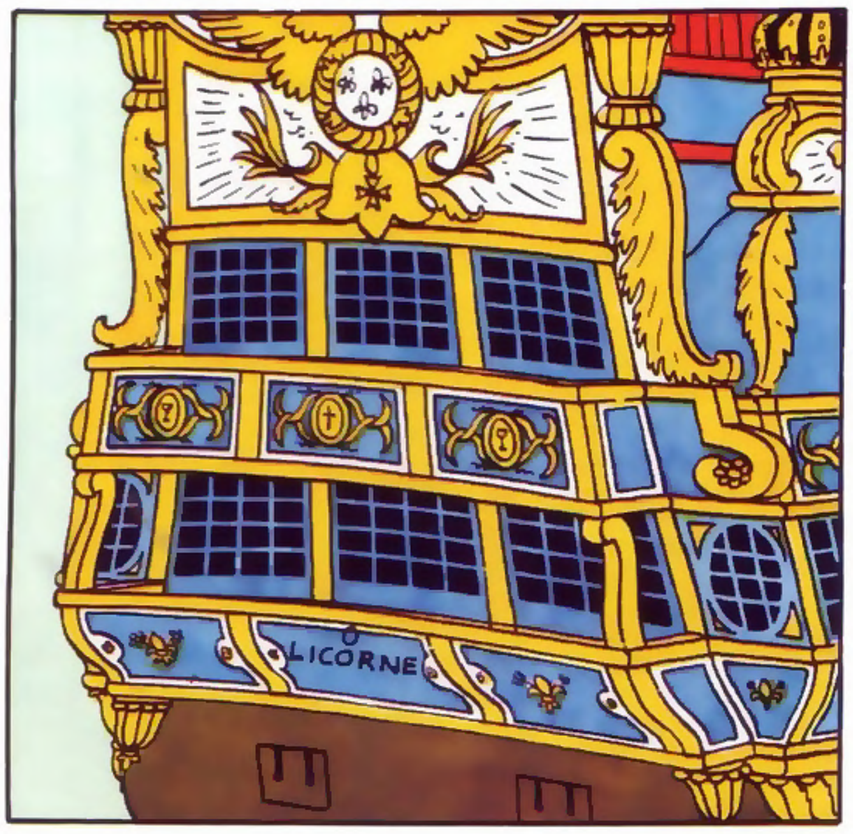
Realmente?...

Pois bem, cavalheiro, isso é fácil de verificar. Imediatamente após a sua visita, o meu barco caiu e o mastro do meio partiu-se. Consertei-o, mas a reparação é visível. Vejamos, pois, se este mastro está intacto.

Está intacto!... Não é o meu barco!!

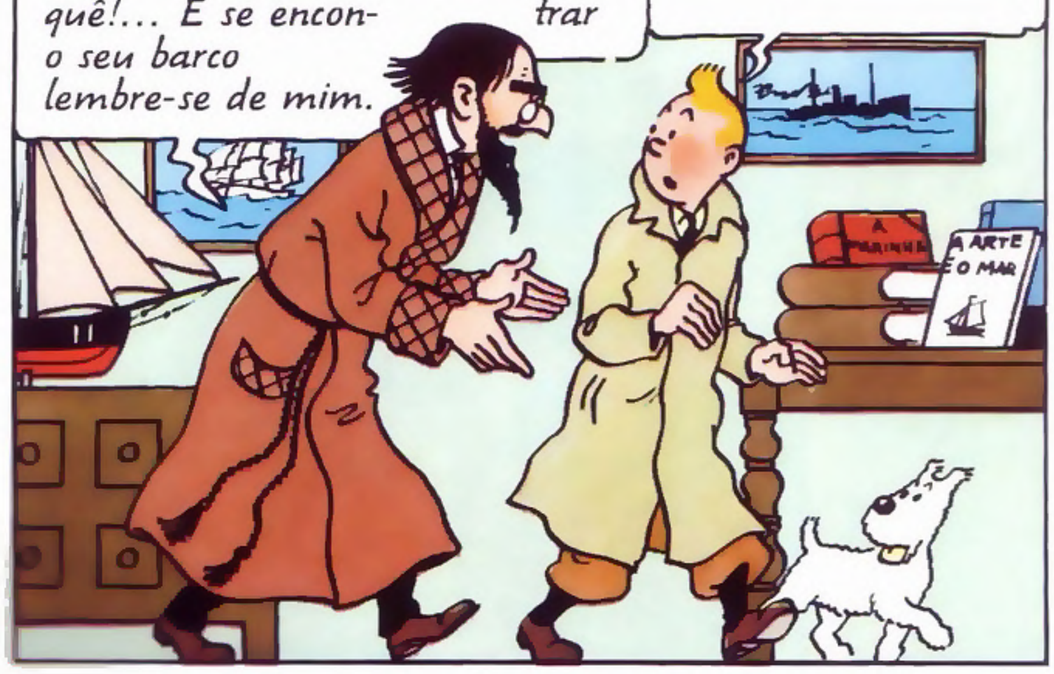
Como vê!

Compreendo a sua surpresa. Eu próprio, esta manhã, no mercado velho, fiquei estupefacto ao descobrir um barco exactamente igual ao meu. Foi porque isso me pareceu extremamente curioso que insisti tanto para lho comprar...



Eu... desculpe-me, cavalheiro... acredite que estou desolado...

Não tem de quê... Não tem de quê!... E se encontrar o seu barco lembre-se de mim.



É extraordinário! Não é que existem dois barcos iguais ao que está representado no quadro do capitão... e que têm todos o mesmo nome: O Licorne?

Vou telefonar, imediatamente, ao capitão; vai ficar admirado.

Ocupado!

É espantoso, as coisas que as pessoas têm para contar ao telefone!... Já há mais de um quarto de hora que isto dura. Ah! finalmente!...

Podemos sair, Mirza, já não chove...

!

Ninguém responde. O capitão deve ter saído. Bom... regressemos...

Quanto ao ladrão do barco, não pode ser senão o segundo homenzinho que mo quis comprar...

A minha porta!... Aberta!... Que mais temos agora?

Assaltaram-me o apartamento!

Os bandidos!... Que fizeram eles dos meus livros?...

Aqui está um todo estragado!... Ah! Que vândalos!

Dois assaltos, no mesmo dia!... Realmente, não está nada mal!

E que será que me roubaram desta vez?...

Que ladrões tão extraordinários! Foram-se embora sem levar nada!

Contentaram-se em rebuscar tudo... à procura de quê?... Eis o que eu gostava de saber...

Na manhã seguinte...

Bom dia!... Como estão?... Meu Deus! Que lhes aconteceu?

Aaah... nada... um pequeno acidente, ontem, no mercado velho, depois de o termos deixado...

Aah... sim... um simples pequeno mal-entendido... a propósito, viemos reembolsá-lo do preço das bengalas. Já cá viemos ontem à noite, mas você não estava...

E então?... Encontraram as vossas carteiras?

Infelizmente, não! Mas comprámos outras esta manhã e... e... e...

Com a breca!... Roubaram-me de novo!

Com mil raios!... Foi aquele indivíduo com quem cruzámos na escada ontem à noite, quando viemos a sua casa!... deu-me um encontrão!...

Como era ele?

Também me empurrou a mim!

Um bocado gordo... com um ar brutal... cabelos pretos... um bigodinho preto... fato azul... chapéu cinzento...

É ele! É o homem do mercado velho!

Mas com certeza que não foi ele que vos roubou, ontem, umas carteiras que vocês só compraram esta manhã...

Há muita verdade no que você diz...

Os miseráveis! Umas carteiras novinhas! Anda, Dupont, vamos imediatamente fazer queixa à Polícia!

Ele tem razão! Temos de nos ir queixar imediatamente...

Cuidado!

Eh, lá! Dupond!... Espera por mim! onde estás?

Aqui!... Já desci!

Pobres Dupondt!... Estão com azar! É uma verdadeira epidemia de roubos e de assaltos...

Vá: continuemos a pôr em ordem todos esses papéis...

Então, Milu?... Que estás a fazer aí?

Um cigarro?... Nesse sítio... curioso...

Olha!... Não é um cigarro!... É um rolinho de papel...

Esta agora!... Este papel não me pertence!... Donde terá vindo? Tenho que ver isto bem...

Que novo mistério é este?

Três irmãos unidos. Três Licornes navegando juntos ao sol do meio-dia falarão. Pois é da luz que há de vir a luz. E resplandecerá.
42 1 0 1 7
a † da Águia.

Sim senhor, que charada! Que charada!... E, antes de mais nada, donde é que veio este papel?

É isso!... Já sei!... Este papel devia estar enrolado no mastro do meu barco. Deve ter-se escapado quando o mastro se soltou, ao cair, e rolado para debaixo do móvel...

E, agora, compreendo tudo!... Quem me roubou o barco sabia que este papel estava lá escondido. Quando constatou que ele tinha desaparecido, julgou que eu o tinha descoberto. Foi para o apanhar que o ladrão voltou e rebuscou por toda a parte, sem desconfiar que o papel estava debaixo do móvel.

Tintim, és um verdadeiro Sherlock Holmes!

Mas porque é que tentaram apoderar-se desde documento? Se, ao menos, conseguisse perceber-lhe o sentido...

E se, por acaso... mas... mas, naturalmente!... Não pode ser senão isso!...

Depressa, Milu!... Vamos a casa do capitão!

Então?... Que mais Temos?

Um tesouro, Milu!... Tenho a certeza que estamos na pista dum tesouro!

DRRING DRRING DRRING

ADDOCK

Sim, quanto mais penso nisso, mais convencido fico de que se trata dum tesouro.

Ah! O preguiçoso! Não me admirava se ainda estivesse na cama!

DRRING

Então?... Onde estará ele?

Ninguém!... De certo, saiu. Vou perguntar à porteira...

O capitão? Não, não o vi sair. E diz que não responde? É curioso...

Talvez esteja doente?

Doente? Afinal, é muito possível... a luz esteve acesa, toda a noite, em casa dele...

Temos de ir ver imediatamente...

DRRRRRRING

Ninguém?...

Sim!... Ele deve lá estar em casa!... Oiço barulho...

Capitão!... Capitão!... É o Tintim... Abra!

TOC TOC TOC

Nada...

Continua a não responder...

BUM BUM BUM

Mais um passo, e faço explodir tudo!...

E se eu chamasse a Polícia?...

Não... Vá, antes, chamar um serralheiro!

Dir-se-ia... sim... está a falar sozinho!... Isto está a tornar-se inquietante...

Ah! Aí vem o serralheiro!

Isso vai?...

Não... nada a fazer!... O fecho de segurança está corrido...

Temos de arrombar a porta! Assumo a responsabilidade!...

Uma... Duas...

FRAC

Ao largo, piratas! Ao largo!

Capitão!...

Ao largo, mercenários!... Imbecis!... Anões grotescos!

Piratas!... Flibusteiros!... Tocadores de gaita-de-foles, salteadores!

Vitória!... Bateram em retirada!... E yo-oh-oh! E uma garrafa de rum!

Deus do céu! Que significa toda esta comédia?

Comédia?... Isto não é uma comédia!... Venha. Já vai compreender...

Está a ver este homem?...

Sim, é um dos seus antepassados. E depois?

Pois bem, veja lá você que ontem à noite, muito intrigado com essa história dos barcos, lembrei-me, de repente, que havia no sótão uma arca muito velha que pertenceu a esse antepassado. Aqui está a arca...

E dentro da arca, no meio de outros objectos, estavam este chapéu e este sabre de abordagem e descobri...

Já sei! Um tesouro!... Ou o plano dum tesouro!

Não, um tesouro não, mas quase! Velhos manuscritos feitos pelo punho do cavaleiro de Hadoque. Veja... comecei a ler isto, ontem ao serão e li a noite toda...

Memórias
De
Francisco
Cavaleiro de Hadoque,
Capitão da Marinha
do Rei
Comandante
do Licorne

... E ainda estava a ler esta manhã quando você entrou. Foi por isso que me encontrou um pouco... excitado. Mas era de tal modo apaixonante! Já lhe conto...

Estamos em 1598. O Licorne, um brioso navio da frota de Luís XIV, largou da ilha de S. Domingos, nas Antilhas, e fez vela para a Europa, levando a bordo uma carga de... de... enfim, levava sobretudo, rum...

Já tinham partido há dois dias e, nessa manhã, com a brisa de feição, o Licorne voga ao largo, amuras a estibordo, quando, de súbito, do cesto da gávea sai um grito...

Vela a bombordo!

Oh! Oh!... Vem numa bolina cerrada, aquele pândego... Macacos me mordam se ele não tem a intenção de nos cortar a rota!...

E anda mesmo bem... Ah! Estão a içar o pavilhão. Vejamos...

!

O pavilhão negro!... Flibusteiros!

Atenção!... A postos para combate!... Todos ao tombadilho!... Preparar para virar de roda!

E, virando de bordo, mantendo todas as velas desfraldadas com risco de partir os mastros, o Licorne aproveita por sua vez o vento de forma a escapar à terrível fraternidade da caveira...

Com mil raios, nada a fazer! Batem-nos em velocidade!

No entanto, é preciso fugir aos piratas. O capitão resolve então executar uma manobra audaciosa: Virar de ló, retomar o rumo amurado a bombordo e, na altura em que alcançar o pirata, dar-lhe uma descarga de artilharia. Se bem o pensou, melhor o fez...

Preparar para virar!... Artilheiros, todos nos seus lugares!...

O Licorne virou de bordo. Surpreendido por esta manobra, o pirata não tem tempo de modificar a direcção. Já o navio real está em cima dele... atenção!...

FOGO!

Atingido!

Atingido, sim, mas não o suficiente para o fazer abandonar a perseguição. Por sua vez, o pirata vira de bordo e, de súbito, veja! Lá no alto, no mastro da ré, que nova bandeira é aquela?

A bandeira vermelha!... A bandeira que não dá quartel!... Significa que a luta será sem piedade; que, nem dum lado nem do outro, haverá prisioneiros! Compreende?... Se formos vencidos seremos todos massacrados!

O pirata retomou a perseguição. Aproxima-se... aproxima-se cada vez mais... a bordo do Licorne, todos têm a garganta seca...

Aproveitando melhor o vento, o corsário consegue colocar-se atrás do Licorne, evitando, assim, o fogo dos seus canhões. Aproxima-se mais...

E, bruscamente, quando não está senão a uma vintena de braças do Licorne, passa, rapidamente, sob a popa do navio, assim: Hop!

Depois retoma a direcção primitiva. Os dois navios estão agora lado a lado... dentro de instantes, será a abordagem!

Já está!... Do navio pirata atiram as fateixas, hop!... E com gritos ferozes, os flibusteiros precipitam-se a bordo do Licorne.

Ayaaaah!...

À abordagem!

Deixe-me! Saia do meu caminho! Não vê que os piratas nos estão a atacar?!

Para trás, corsários!

Para trás, bichos- vermes!... Para trás, de-conta!... Para trás, vadios!

Deixem-me esse homem, rapazes: Eu próprio o matarei!

Avança, bexigoso!

Avança!

Ah! Queres matar-me, velho pepino?... Sinapismo!

Pé-descalço!... Ah! Queres matar-me?...

Pois bem! Aqui tens, Escolopendra!

Ah! É assim, grandes cobardes?... Agora, atacam-me pelas costas!...

Acautelem-se!...

Isto vai aquecer!

Pronto. Foi pouco mais ou menos o que aconteceu ao meu antepassado. Quando ele se atirava aos piratas, caiu-lhe na cabeça uma roldana e ele tombou desmaiado...

Eis os piratas senhores do navio. Tinham arvorado a bandeira sem quartel: feridos e sobreviventes foram massacrados e lançados ao mar...

E o cavaleiro?

O cavaleiro?... Quando voltou a si, estava solidamente amarrado a um mastro do seu navio. Sofria atrozmente...

Da pancada que recebera na cabeça, naturalmente...

Não: de sede!...

Pobre homem! Como deve ter sofrido...

Olhou à sua volta. O tombadilho fora limpo e não subsistia o menor traço do terrível combate que se desenrolara. Piratas iam e vinham, transportando os mais diversos objectos...

Que se passa? Em vez de pilharem o navio e levarem o saque para bordo do deles, fazem o contrário...

Mas eis que se aproxima dele um homem. Traz uma capa escarlate, uma caveira: é o chefe dos flibusteiros. Aproxima-se. O seu hálito tresanda a álcool, e diz:

Olha para mim: Sou Rackham, o Terrível!

Muito prazer. Eu sou Francisco, cavaleiro de Hadoque.

Então, o meu nome não te faz tremer?... Muito bem. Escuta-me: Tu mataste Diego, o Navarro, meu fiel lugar-tenente; mataste ou feriste mais de metade dos meus companheiros. E não é tudo. O meu navio está a afundar-se. Atingido a primeira vez pelos teus canhões, recebeu o golpe de misericórdia no momento da abordagem...

... Pois os teus malditos artilheiros atiraram até à última. Está a afundar-se... Neste momento, os meus homens transportam para bordo do teu navio o saque feito há três dias, aquando do ataque a um navio espanhol.

E que saque!...

Olha para estes diamantes!

Há aqui com que pagar dez vezes o resgate dum rei...

E foi para dizer isso que me veio falar?

Não, não foi por isso!... Foi para te dizer que vais pagar caro todo o mal que me fizeste! Amanhã de manhã, entregar-te-ei aos meus homens. E acredita que esses cordeirinhos são peritos em fazer morrer uma pessoa pouco a pouco...

Dizendo isto, deu uma gargalhada sarcástica, pegou no copo e despejou-o dum trago. Assim...

Basta, capitão! Basta!... Continue, antes, a sua história!...

Ora, nessa noite, o Licorne, com a sua tripulação de bandidos, chegou a uma pequena ilha e largava pouco depois a âncora, numa baía bem abrigada...

Noite alta, os piratas, tendo descoberto os tonéis de rum, nos porões do Licorne, abriram-nos e embriagaram-se abominavelmente...

Abominavelmente... Sim, abominavelmente é a palavra.

Então?... Eu queria, simplesmente, mostrar-lhe...

Não é preciso, capitão, eu percebi muito bem.

Como queira, Tintim... Onde ia eu?

No momento em que os piratas se embriagavam abominavelmente...

AAAAAAH!

?

Olha, agora há dois copos! É extraordinário!

Ora, entretanto...

?

Entretanto, o cavaleiro fazia esforços desesperados para se libertar...

Paciência, meus cordeirinhos! Macacos me mordam se o cavaleiro de Hadoque não lhes deixar uma boa recordação...

Pronto! Uma das mãos já está livre!

Livre! Estou livre!

E agora, nós, Rackham, o Terrível!

E, com estas palavras, precipita-se...

Sobre os piratas?... Mas como?... sem armas?...

Não. Sobre uma garrafa de rum, esquecida no tombadilho... desrolha-a, leva o gargalo à boca e...

E reflectiu!... «Não é altura para beber álcool», disse para consigo, «preciso de toda a minha presença de espírito». E, com isto, poisou a garrafa...

Sim, é isso. Poisou a garrafa... e apanhou um sabre de abordagem. Depois, lançando, ainda, um olhar para o castelo da proa, onde continuava a bebedeira...

Divirtam-se, meus cordeirinhos! Cantem! Dancem!... Eu vou descer à santa-bárbara!

A santa-bárbara, é bom que se saiba, é o local do navio onde se guardam as munições e a pólvora...

Pronto!... A festa não estaria completa sem um belo fogo-de-artifício...

E agora, depressa! Só tenho tempo de deixar o navio, antes deste ir pelos ares!

PÓLV

PÓLVOR

Ah! cão!

Estás aí!...

!

Ah! Querias fazer-nos ir pelos ares!... Não terás esse prazer! Vou esfolar-te vivo, antes mesmo de apagar a mecha!

Por Lucifer! Hei-de obrigar-te a engolir a barba, meu porco-espinho!...

E eu hei-de depenar-te, meu papagaio palrador!... Flibusteiro de Carnaval!... Pirata de água doce!... Antropopiteco!

PÓL

PÓLVORA

Podes recuar à vontade, não me escaparás!

Eu é que te hei-de pregar ao chão, velho cachalote!

PÓLVO

PÓLVORA

Ora, enquanto combatia, o cavaleiro pensava na mecha que, dum instante para o outro, ia chegar à pólvora...

E, de súbito, aparando habilmente uma estocada, deu um pulo para o lado...

E, hop! Com uma pisadela, apaga a mecha!...

UAAAAAH!...

E, agora, Rackham, o Terrível, vou zangar-me a valer!

BANG ★
BUM ★
DZINNG ★ ★
CRAC ★ ★ ★

Vitória!... Rackham, o Terrível, está liquidado!... E yo-oh-oh! E uma garrafa de rum!...

Pronto!... Que Deus lhe perdoe todos os seus crimes...

Já perdi tempo de mais! Uma nova mecha...

PÓLVORA

... E raspo-me!

Ninguém me viu: continuam a beber! Depressa, para o bote...

O-o-olha... o bote, ali... o bote... vai... vai-se embora...

C-cala-te... es-estás bê-bado... Só di-dizes as--asneiras...

Hurra! Fez-se justiça!

E assim pereceu o Licorne, o garboso navio comandado por Francisco, cavaleiro de Hadoque. De todos os flibusteiros que estavam a bordo, nem um só escapou à morte...

E o cavaleiro, que é que lhe aconteceu depois?...

Durante dois anos, viveu nessa ilha, no meio dos indígenas que se tinham tornado seus amigos. Depois, foi recolhido por um navio que o levou de novo para o seu país. Aqui param as memórias do cavaleiro. Mas eis o mais interessante de toda esta história...

Na última página do manuscrito, há uma espécie de testamento no qual declara legar, a cada um dos seus três filhos, um modelo, construído por ele, do navio que, em tempos, fizera explodir. E, pormenor curioso, pedia aos filhos para deslocarem, ligeiramente, para trás o mastro grande de cada um dos modelos. «Assim», acrescenta, «a verdade será completa».

Já sei, capitão!... O tesouro de Rackham, o Terrível, é nosso!

Que quer dizer?

Porque pensa que o cavaleiro pediu aos filhos para deslocarem o mastro grande de cada um dos três barcos?

Como quer que eu saiba? Sem dúvida porque era um homem meticuloso, que fazia questão de que os barcos ficassem perfeitos!...

Mas, nesse caso, teria ele próprio mudado a posição dos mastros. Porquê pedir aos filhos para o fazerem?

Porque, se os filhos lhe obedecessem, teriam encontrado, enrolado no mastro de cada barco, um pedacinho de pergaminho!

Ah, sim? Como é que sabe?

Porque eu próprio descobri o pergaminho que estava no barco comprado no mercado velho... Ei-lo!...

A minha carteira!... Roubaram-me a carteira!...

!

Roubaram-na? Talvez a tenha deixado em casa.

Não, roubaram-ma. E roubaram-ma no autocarro que tomei para vir para cá. Lembro-me muito bem de ter sido empurrado.

E o que é que havia nesse pergaminho?

Espere... Aah... era isto: «três irmãos unidos» — os três filhos do cavaleiro — «três licornes navegando juntos, ao sol do meio-dia, falarão». É preciso, portanto, reunir os três barcos que, assim, revelarão o seu segredo: os três pergaminhos. o resto é menos claro...

«Pois é da luz que virá a luz e resplandecerá...» Depois alguns números e, finalmente, uma pequena cruz, seguida das palavras: «da águia»... é tudo...

Mas, qual será o sentido disso tudo?

Ainda não sei, mas estou persuadido que, se conseguirmos reunir os três pergaminhos, descobriremos os diamantes de Rackham, o Terrível. E já sei onde se encontra o segundo. Venha, capitão!

Sabe onde se encontra o segundo pergaminho?

Sim. Conheço a pessoa que possui o segundo Licorne.

O segundo Licorne construído pelo meu antepassado?

Sim. Está em casa dum certo senhor Sakharine.

Cá estamos: É no número 21.

19

SOCORRO!... SOCORRO!....

Que se passa, minha senhora?...

Oooh!...

Oooh! Meu Deus! Meu Deus! O senhor Sakharine!... Mataram o senhor Sakharine!...

?

Morto?

Não, o coração ainda bate. Deve ter sido clorofomizado...

Olhe, Tintim, ali! O segundo Licorne!... O mastro grande está tirado!

Veja! A base do mastro é oca: o pergaminho que aí se encontrava desapareceu!...

Com mil raios! Não somos os únicos a procurar o tesouro de Rackham, o Terrível!

Que ninguém saia!

Bom dia, caros amigos! Eu...

Perdão! Estamos em serviço. E em serviço não conhecemos amigos!

Nem mais! Estamos aqui para esclarecer este caso...

Para começar, eis a vítima!

Direi mesmo mais: eis a vítima!

Ora se há uma vítima, é óbvio que há um culpado!

Excelente raciocínio! O problema é descobri-lo. E, na minha opinião, não pode estar longe. Direi mesmo mais: não está longe...

Eis o culpado!...

Culpado, eu? Ousam acusar-me?... Miseráveis vermes da terra!...

Bichos-de-conta!... Negreiros!... Coleópteros!... atarracados!

Girassóis-batateiros!... Anacoretas!... Bichas-solitárias!... Piróforos!...

Colocíntidas!... Zigomicetes!... Gargarejos!... Emplastros!...

Capitão! Capitão! Acalme-se!...

Sim, acalme-se, senhor capitão. Nós dissemos aquilo por dizer, ao acaso...

Como, ao acaso?...

Compreende, se o senhor fosse realmente culpado, ficaria perturbado. Enquanto agora temos a certeza da sua inocência.

E agora, ao trabalho! Vamos procurar impressões digitais.

Com a breca!... o morto desapareceu!...

Está ali!... O morto voltou a si...

Que lhe aconteceu, senhor Sakharine?

Ontem à noite, veio cá um homem propor-me comprar umas lindas gravuras antigas. Quando me debruçava para as examinar, senti, de repente, que me aplicavam um tampão no nariz...

Era clorofórmio sem dúvida nenhuma, pois perdi os sentidos...

Caso curioso... Direi mesmo mais... Isto cheira-me a esturro...

A tua lupa!... Ah! Ah! Ah!
A tua lupa... e o sol!...
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Pára de rir estupidamente!
Tenta, antes, resolver o caso!

É capaz de descrever o homem que lhe veio oferecer as gravuras?

Espere... Parece-me que já o tinha encontrado, mas não consigo lembrar-me onde...

Era um bocado gordo. Com cabelos pretos e um bigodinho também preto. Estava vestido com um fato azul e tinha um chapéu de feltro cinzento.

Não há dúvida!... É o homem do mercado velho!

Qual homem do mercado velho?

Um homem que tentou comprar-me o barco que eu tinha encontrado no mercado velho. Mas vocês também o conhecem: é o indivíduo que cruzaram na escada, quando vieram a minha casa, ontem à noite. Até pensaram que ele vos tinha roubado a carteira...

A propósito, sabe que também me roubaram a minha?

Não diga!... É espantoso o número de pessoas que deixam que lhes roubem a carteira! Quando é tão fácil... Olhe, tente roubar-me a minha...

Vá! tente!

Um elástico!

Exactamente!... É simples, mas é preciso pensar nisso...

Com efeito, é duma simplicidade infantil. Mas, agora, deixamo-los a tratar do vosso inquérito. Até breve...

Até breve.

Se isto continua assim, podemos dizer adeus ao tesouro de Rackham, o Terrível...

Temo que sim...

Oiça lá, está a ver? Está alguém diante da minha porta que parece esperar por nós...

O homem do mercado velho!!!

Senhor Tintim?...

Sou eu. Que deseja?

Desejava falar-lhe, senhor Tintim... Mas não aqui, por favor, não aqui. Em sua casa, estaremos mais tranquilos...

Seja, vamos para minha casa...

Faça favor de entrar...

PAM PAM PAM

Bandidos! Malandros! «Gangsters»!

Capitão! Capitão! Ajude-me!

Tome cuidado!... Eles... Eles matá-lo--ão... também...

Quem?

Quem?... Diga os nomes?... Fale...

?

Ali...

?

Pardais?... Que quer dizer?... Com a breca! Desmaiou!...

No dia seguinte...

UM CASO MISTERIOSO

Ontem, pelo meio-dia, desenrolou-se um drama rápido, na Rua do Labrador. No momento em que um homem se dispunha a entrar no número 26 desta rua, deram-lhe três tiros de dentro dum carro que ia a passar e que tinha abrandado, ao chegar à sua altura.
A vítima, atingida no coração, sucumbiu sem ter tido

Pobre homem! Nunca ninguém saberá o que ele quis dizer, apontando os pardais.

Bom dia, capitão! Entre... estava, justamente, a telefonar para o hospital, para saber notícias do ferido...

É inútil: já morreu!

Está?... É o senhor director de serviços?... Aqui, Tintim... Bom dia, doutor. Como vai o ferido? Estado estacionário? Continua inconsciente?... Há esperanças? Poucas... sim... sim... muito obrigado. Adeus, doutor...

?

Mas veja isto: o jornal anuncia que ele sucumbiu.

Sim, comunicaram aos jornais a notícia da sua morte. Assim o criminoso, julgando-se seguro de não ser denunciado pela vítima, ficará sossegado e, mais cedo ou mais tarde, será apanhado.

Ah! Bom. Compreendo. Mas continuo a pensar o que terá aquele infeliz querido dizer, ao apontar os pardais...

Também eu, capitão. Tudo isto é muito misterioso. «Direi mesmo mais: muito misterioso!» Acrescentariam os Dupondt.

Mais um dia a vigiar os locais públicos e a procurar os ladrões de carteiras. Quem me dera já estar em casa!

Finalmente!... Eis o nosso autocarro...

A minha carteira!!!... Desta vez apanhei-te, velhaco!...

Alto, patife!

Alto!... Alto ou atiro!

Agarrei-te, meu rapaz... e agarrei-te bem!

?

No dia seguinte de manhã...

DRRING DRRING

Obrigado, Milu.

Está?... Sim, sou eu... ah! É o senhor?... Sim... sim... como?... É espantoso!... Vou já... sim... imediatamente.

Ah! Capitão!... Venha comigo...

Onde?

A casa dos Dupondt: encontraram a minha carteira!

Não há dúvida: é mesmo a minha.

Havia sete, nas algibeiras dele: o saque do dia, sem dúvida.

?

E aqui está o pergaminho que se encontrava no mastro do Licorne. Veja, capitão...

Aaah... muito bem...

E agora, diga-me: como conseguiram apanhar o ladrão?

Apanhar?... Aah... para dizer a verdade, só conseguimos apanhar a sobrecasaca dele!

Com efeito, é uma sobrecasaca. Que ideia tão patusca, para um carteirista, trazer um fato destes.

Tem razão!

O pior é que este fato não nos dá nenhuma indicação susceptível de identificar o seu proprietário.

E isto?

Veja estes fios: formam números. Isso significa que esta sobrecasaca esteve ultimamente na lavandaria para ser limpa.

Deus do céu! É exacto.

SIATSI

Mas então... Basta descobrir a lavandaria na qual este fato foi limpo para aí saber o nome e a morada do larápio. Depressa! Procuraremos a lista das lavandarias nas páginas amarelas!

ACÁCIAS

Passaram-se alguns dias...

253093

O senhor Tintim?

Primeiro andar.

FRÁGIL

Passa?

Sim, sim

FRÁGIL

Senhor Tintim?... Aqui está o serviço de louça que encomendou.

Eu? Mas eu não encomendei nada.

No entanto, não há dúvida que está aqui o seu nome e morada: Veja

FRÁGIL

Pronto: o clorofórmio já fez efeito. Depressa, vamos metê-lo no caixote.

Espera, primeiro é preciso fechar a porta.

?

AUAU!
AUAU!

FRÁGIL

Então? O senhor Tintim não está em casa?

Está sim. Mas parece que houve engano: ele não tinha encomendado nada.

FRÁGIL

Bolas! O cachorro está à janela!

?

FRÁGIL

AUAU !
AUAU !

Então, Milu, que se passa?...

Milu!... Milu!... Cuidado! Vais cair!

?

Aquele cão endoideceu! Vejam como ele persegue o camião!

É curioso, nunca deixa o dono.

O senhor Tintim está?

Está sim, senhor.

Senhora Pinson!... Senhora Pinson!... Tintim não está em casa!

Não está em casa?... Mas então onde está?

No dia seguinte...

?

Esta agora! Onde estou eu?

Uma coisa é certa: estou preso...

E bem preso!

Ninguém!... E, no entanto, não sonhei: alguém falou!

Sim, alguém falou!

Quem... quem é você?... e onde está?

Quem sou eu?... Sou o fantasma do capitão do Licorne

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Ah! Ah! Ah!... Confesse que teve medo!... Aproxime-se da porta... aproxime-se...

Aproxime-se mais. Bom... agora, olhe: há aí um intercomunicador.

Quem é você e o que me quer?

Quem sou eu?... Sem dúvida que me permite conservar o anonimato. Quanto ao motivo pelo qual o mandei raptar, deve calcular qual é...

Desejo saber onde escondeu os dois pergaminhos que me tirou.

Eu? Eu tirei-lhe dois pergaminhos?... Mas eu nunca tive senão um.

Vamos, vamos, falemos sério. Eu tinha conseguido reunir dois dos três pergaminhos; você roubou-os. Esta noite mandei revistar a sua casa: só encontrámos o terceiro pergaminho, que estava na sua carteira. Onde estão os outros dois?

Mas eu não sei!

Como queira. Mas aviso-o duma coisa: conheço muitas maneiras de lhe desatar a língua... se, dentro de duas horas, não me tiver revelado o local onde escondeu os dois pergaminhos, terá de se haver comigo!

Mas, se lhe estou a dizer... Ah! O bandido! Desligou!

E agora?! Estou em maus lençóis! Como vou sair desta?

FLATCH

Duas horas!... Duas horas para fugir daqui. Que hei-de fazer?

?

Se pudesse servir-me desta trave como aríete, conseguiria arrombar a porta...

Impossível. Mal posso levantá-la.

Nada a fazer. E, no entanto, dentro de duas horas, tenho de estar longe daqui.

!

Eureka!

Primeiro vou tapar o intercomunicador com o lenço...

Assim não poderão ouvir o barulho que fizer.

E agora, mãos à obra! É preciso andar depressa...

Tenho de atar os lençóis e os cobertores pelas pontas.

Amarrá-los solidamente à trave...

E agora, em frente!... Oh! Iça!... Oh! Iça!... Oh!...

Mais uma vez: é absolutamente necessário deslocar esta trave.

Entretanto...

!

Que bom! Um banho para me ver livre desta lama!

Ah! Como é bom estar limpo outra vez.

Pronto! A trave já está debaixo da argola.

Agora, é só amarrar uma pequena pedra a este bocado de cordel...

Hop!

Arranjei um excelente aríete!

E agora, vamos a isto!

BUM

Ouviste?

Sim, uma pancada surda, que abalou a casa toda.

Outra vez....

Estranho... Dir-se-ia que vem da cave.

BOM

Da cave? Mas então...

Com mil raios! Deve ser o Tintim. Sem dúvida está a chamar-nos para nos dizer onde escondeu os pergaminhos...

Está?... Está, Tintim?... Está?... Está?... É curioso, não responde...

E, no entanto, o barulho continua...

Temos de tirar isto a limpo. Vem comigo. Vamos ver o que se passa.

BOM

Não há dúvida, o som vem da cave...

BUM

Vamos, um último golpe: a parede já está a ceder.

Hurra! Já está!

CRAC

?

!?

Foi uma caixa de música que, ao cair, começou a tocar!

Lá está ele!

?

Ali!... Com mil raios! Fez um buraco na parede!

Alto!... Alto!... O canalha!... Raspou-se!

Onde se meteu ele?

Ora! Aqui não lhe faltam esconderijos mas acabaremos por encontrá-lo!

Cuidado! É preciso estar atento...

Olha!... Aquela armadura... mexeu-se!

!

Ah! Meu amigo, pensaste ser muito esperto, escondendo-te nessa armadura. Vamos, apanhámos-te: rende-te!

Não respondes? Tanto pior para ti! Vou contar até três e atiro. Um... dois... três...

PAM

PAM

DONG

!

Bolas! Não estava dentro da armadura!

Ouviste?

Sim, não é nada: uma bala fez ricochete na couraça e foi bater no gongo, ali adiante. Vamos, não percamos tempo...

Uf!... Que sorte!... Afastam-se. Vou aproveitar para tentar fugir...

Onde estão eles? Já não os vejo...

CUCU!

CUCU!...CUCU!... CUCU!...

És estúpido! Não, não é o Tintim; é um relógio de cuco que está a dar horas. Vá, continua a procurar.

Até agora está tudo bem!

!

Uf! Apanhei-o a tempo!

BUM

Desta vez, é ele! Já não nos escapa...

Não pode estar longe...

Lá vai ele!... Alto!... Alto ou atiro!

PAM
PAM

Um marcador de bolas! Tenho uma ideia...

CRAC

Aliás, muito boa...

Ah! Patife! Vais pagar caro!...

Desolado por ter que os deixar, meus senhores...

E pronto, meus amigos! É a vossa vez de ficarem fechados...

Não há tempo a perder. É preciso mandar prender estes bandidos imediatamente.

!

Agora compreendo o que queria dizer o homem que foi alvejado à minha porta ao apontar para os pardais: revelava-nos assim o nome dos seus agressores.

M. M. M. e G. Pardal
Antiquários
Castelo de
Moulinsart.

Vou telefonar imediatamente ao capitão...

Está sim... sou eu... sim... Quem fala?... Como? É o Tintim?... Eu... Onde está? Está?... Está?... Está?... Está?...

O que é que estou aqui a fazer? Bem... eu sou o novo secretário do Sr. Pardal... Ninguém lhe disse, meu amigo?

Não sabia, não... Queira desculpar, senhor secretário.

Está, Nestor!... Nestor!...

?

Está!, Nestor!... Um malfeitor introduziu-se no castelo. Impede-o de telefonar aos cúmplices e, sobretudo, não o deixes fugir! Num instante estamos aí.

Está, capitão! Estou no Castelo de Moulinsart! Preciso de s o c o r r o ! . . .

Larga esse telefone, patife!

O quê?... Não, não é Bom Socorro, é Moulinsart!

Boudinsart?... Está... Está? Onde fica Boudinsart?

Moulinsart, capitão! Castelo de Moulinsart!

Como diz?... Boulinsart... Está?... Está?... Com mil raios! O que se passa?...

Castelo de Moulinsart!... Moulinsart!

Está, capitão? Está a ouvir-me?... Estou no Castelo de Moulinsart!... Não, Moulinsart, que diabo!

Como?... Que diz?... Está?... Está?... Que azar, desligaram!

SOCORRO! SOCORRO!

Era a voz do Nestor!...

É o cúmulo! O telefone agora não funciona!

Só me resta fugir. E o mais depressa possível!

Se estiver aqui, não nos escapará...

!

Com mil raios! Deu cabo do Nestor!

Por onde é que ele fugiu? Vamos, fala, imbecil! Ele conseguiu usar o telefone?

Infelizmente, sim!...

Você ouviu?

Senti!

Tenho que sair daqui...

... Devagarinho...

Lá vai ele!... Estava escondido atrás da porta!

Morto ou vivo, apanhar-te-emos, fedelho!

Depressa, amigo, empresta-me a alabarda...

Atenção, lá vêm eles!

É por aqui a saída!

A porta bateu! Em pé, paspalhões! Ainda nos escapa, o patife!...

Enfim, livre!

Olhem, já vai longe!

Caramba! Outra vez atrás de mim!

Falhou! Ele desapareceu no arvoredo!

Corre, vai buscar o Brutus, Nestor!

Com certeza, patrão!

Que parque enorme! É uma verdadeira floresta.

AU!... AU!...

!

Anda, Brutus, busca, busca...

Vá, procura! É preciso não perder a pista.

Brutus!... Aqui, Brutus!

AU! ... AU! ...

Estou salvo! Que sorte!

AU! AU!... AU! AU!...

AU! AU!... AU! AU!...

Que hei-de fazer?... Se fujo, eles libertam o cão e tenho-os de novo nos meus calcanhares. Mas se...

Sim, está decidido: arrisco tudo por tudo!

Já falta pouco: os latidos estão cada vez mais próximos.

Hop! Já está!

Acabou a brincadeira, canalhas! Mão ao ar!

Vamos, de pé!... E a caminho: voltamos para o castelo.

Lá estaremos mais à vontade para conversar, enquanto esperamos que a Polícia venha, ela também quer dizer-vos duas palavras...

AU!... AU!...

CRAC

Onde se teria metido o Nestor?

Decerto fugiu, o idiota...

Silêncio!... Em frente! Toca a andar!

AU! AU!...

?

AU! AU!...
AU! AU!...

Ataca-o, Brutus, ataca-o!

?

AU! AU!...
AU! AU!...

?

Segurem o cão! Segurem-no!... Se não, atiro sobre vocês...

Se o largarem, garanto-lhes que atiro!...

Quieto, Brutus, quieto! Quieto, pelo amor de Deus, quieto!

Em frente, para o castelo!

AU! AU!...
AU! AU!...

Estão de volta!... Deus do céu, foi o ladrão que os apanhou!

Onde vão?... Ah! Já sei: o miserável vai prender de novo o Brutus no canil...

AU! AU!... AU! AU!...

O cão está despachado! Agora, senhores, para a esquadra...

Vêm nesta direcção; vão passar debaixo das janelas do rés-do-chão. Talvez consiga...

Sangue-frio, Nestor!

Ei-los! Atenção, não posso falhar...

Nestor!...

Bolas! Devia ter-lhe batido com mais força...

Agora é para doer...

Meu Deus!!!

Desta vez estás perdido, seu espertinho!

Desce, Nestor, e traz-nos uma boa corda...

E tu, passa para a frente! Escusado será dizer que, ao menor gesto, abato-te como um cão...

!

OH!

Milu!

Milu! Meu bravo Milu!... Conseguiste encontrar-me!

Mãos ao ar!

Outra vez!

Meu Deus! Mas é a voz dos dois Dupondt!

Mãos ao ar!

E eis o capitão Haddock!... Viva!

!

Ah! Sacripanta!... Ah! Pirata!... Ah! Bebedolas!...

Capitão! Por amor de Deus, capitão!... Que vai fazer?...

?

Aí tens, cataplasma!

Este trangalhadanças tinha voltado a si e preparava-se para dar-lhe um tiro...

Larguem-me!... Repito-vos que estão enganados: não sou eu quem devem prender!...

Ah! Eis Dupont e Dupond. Bom dia!

Foi este malandrim, este miserável que se introduziu no castelo e aterrorizou os meus patrões. Um autêntico «gangster», senhor polícia...

É verdade. Nestor está de boa-fé. Eu próprio ouvi os seus patrões dizerem-lhe que eu era um malfeitor. Ele acreditou!

Quando na verdade os seus patrões é que são uns criminosos! Veja o que resta duma garrafa de aguardente de três estrelas! E tudo por causa deles!... São uns bandidos, uns parasitas, uns saguins!

Para os quais nós temos, aliás, um mandato de captura em boa e devida forma.

A minha carteira! A minha carteira!!! É espantoso!...

Mas tem aí a sua carteira...

É precisamente isso que é extraordinário: não ma roubaram!

A propósito: e esse carteirista?... Conseguiram deitar-lhe a mão? Já está atrás das grades?

Ainda não. Mas não tarda muito.

Encontrámos o nome dele na Tinturaria Stella: chama-se Aristides Filoselle. Íamos mesmo prendê-lo, quando recebemos ordem de deter os irmãos Pardal, e aqui estamos...

Meus senhores! Por favor, escutem-me!...

Senhores, lembrem-se dos grandes erros cometidos pela justiça!... Este homem está inocente: foi Tintim quem o disse. Vão deixá-lo algemado... impedindo que ele me vá buscar uma garrafa de conhaque?

Pronto, meu caro está livre!... São os seus patrões que vamos prender agora.

Pode ir, Nestor: nós já lá vamos ter. E não esqueça: um conhaque de três estrelas!

Agora, capitão, explique-me como é que conseguiram chegar até aqui.

Ah... Sim! Pois bem...

Logo depois de ter falado comigo, sem eu ter percebido nada, telefonaram-me do hospital...

... onde se encontrava ainda o homem dos passarinhos. Depois de ter estado muito tempo entre a vida e a morte, tinha acabado de voltar a si e denunciara os homens que o tinham atacado: os irmãos Pardal antiquários, Castelo de Moulinsart. Logo que ouvi este nome...

Percebi o que tinha querido dizer-me ao telefone. Não havia tempo a perder: preveni imediatamente a Polícia e viemos o mais depressa que pudemos...

BENG * OH! BENG AH!

? ?

Não deveríamos ter deixados os polícias sós com aqueles dois bandidos!...

Olhe!... Lá vai um a fugir! Virou agora mesmo a esquina...

É o mais perigoso dos dois: não podemos deixá-lo escapar, custe o que custar!

RRRRUM RRRRUM

Um carro! É o motor dum carro!

521 414

!

!

Safado!... Ciclone!... Basbaque!... Bandido!... Batráquio!

Tarde de mais! Já não o apanhamos.

Vamos ver o outro, mas primeiro é preciso ajudar aqueles dois desgraçados...

Espere que já lhe vou dar uma mãozinha...

Até que enfim!

E agora, meu amigo, vai ter de me explicar algumas coisas...

Não conte comigo: não lhe direi nada.

Ignora, com certeza, que a vossa vítima está completamente fora de perigo e já os denunciou?...

A nossa vítima? Quem... Então o Barnabé não morreu?!

Pois bem: sendo assim, vou-lhes contar tudo. Quando, há dois anos, comprámos o castelo, descobrimos no sótão o modelo dum navio, muito estragado...

O Licorne?

Sim, e foi ao tentar restaurá-lo que encontrámos um pergaminho cujo texto nos intrigou. O meu irmão Máximo convenceu-se logo que se referia a um tesouro. Ora o pergaminho mencionava três Licornes. Era portanto preciso encontrar os outros dois... Como sabe, somos antiquários: tratámos logo de os descobrir...

... recorremos a todos os nossos intermediários, a todos os que batem as feiras à procura de peças interessantes, a todos os que compram os recheios dos sótãos e vasculham os porões. Foi assim que, algumas semanas atrás, um dos nossos homens, chamado Barnabé, nos informou que tinha visto no mercado velho um barco parecido com o nosso mas que, infelizmente, acabara de ser adquirido por um rapaz que se recusara a vender-lho.

Sim, o resto nós sabemos. Foi esse Barnabé que convenceram a roubar o meu Licorne. Mas como não encontraram o pergaminho dentro do barco, mandaram-no de novo revistar a minha casa sem que que ele achasse nada. E depois? Que fizeram?

Depois?... Bem, não adianta, vou contar tudo...

Barnabé regressara, portanto, de mãos a abanar, quando se lembrou, de repente, da outra pessoa que tinha tentado comprar-lhe o barco ao mesmo tempo que ele.

E, no dia seguinte, foi a casa do senhor Sakharine, clorofor-mizou-o e apoderou-se do ter-ceiro pergaminho...

Isso mesmo. Mas, depois de no-lo ter en-tregue, gerou-se, entre Máximo e ele, uma violenta discussão acerca da quantia que tínhamos combinado pagar-lhe. Bar-nabé queria mais: o meu irmão estava de-cidido a ficar pela que tínhamos acordado. Finalmente, Barnabé deixou-nos, furioso, dizendo que nos arrependeríamos de ter regateado. Após a sua partida, Máximo teve medo que aquele malandro nos traís-se. Saltando para o carro, seguí-mo-lo de longe. Os nossos re-ceios eram fundados: vimo-lo aproximar-se...

... de si. Desnorteado pela ideia de que ele ia dizer-lhe tudo, Máximo al-cançou-vos em poucos segundos e abateu Barnabé no momento em que ele franqueava a soleira da sua porta.

Agora percebo... mas então, diga-me: porque é que me raptaram?

Já lhe dissemos: para o obrigar a entre-gar-nos os dois pergaminhos que nos ti-nha tirado, alguns dias depois...

Mas veja! Eu não podia tê--los tirado, pois ignorava até a vossa existência... mas, pensando nisso... e se fosse...

Sim, se fosse o senhor Sakharine quem se apoderou desses documentos.

Viva! Já está!...

Finalmente!... conseguiu tirar-mo...

Vamos, capitão, é preciso ajudar este infeliz...

Cuidado! Segure-o bem! Um... dois...

Três!

Capitão, assim que chegarmos à cidade vamos a casa do senhor Sakharine. Estou convencido que foi ele, quem se apoderou dos dois pergaminhos...

É verdade: por enquanto temos só um...

Só um? Mas, com a breca! Nem esse temos! Foi-me roubado pelos irmãos Pardal! Pelo menos, esse, vamos reavê-lo...

Faça favor de me dar o pergaminho que mandou roubar de minha casa!

Dar-lho?... Impossível... Máximo é que o tem na algibeira!

!

Telefonem imediatamente para a esquadra; dêem os sinais de Máximo Pardal e a matrícula do seu carro: 521414. Depois, voltamos para a cidade...

Muito bem!

No dia seguinte, de manhã...

E agora, vamos a casa do senhor Sakharine...

DRRING

O senhor Sakharine? Partiu em viagem, senhor; só volta daqui a quinze dias.

Viajou, o malandro... agora é tudo mais complicado.

Entretanto, vou a casa dos Dupondt. Talvez eles me possam dizer se já encontraram Máximo Pardal e o seu pergaminho...

Bom dia. Vão sair?... Vinha simplesmente perguntar-lhes se...

Chiu!... Bico calado! Venha connosco...

Onde é que me levam?

Em breve o saberá...

... e alguns minutos mais tarde...

TOC TOC TOC TOC

Senhor Aristides Filoselle?

Sou eu...

Está preso, em nome da lei!

Preso?... Eu?

Sim, senhor! O senhor é um ladrão!...

Ladrão?!... Aristides Filoselle, funcionário público reformado, um ladrão?! É um equívoco, senhores! Um terrível equívoco!

Desculpe interrompê-lo, senhor Filoselle, mas quer dar-se ao incómodo de me explicar o que significa tudo isto?...

Pertence a R. Legrand subtraída em 25 de abril

COLA

27 de junho

30 de junho

Ah!... Isso?... Hum! Bem, eu... eu não sou ladrão, isso não!... Mas sou, digamos, um tanto cleptomaníaco. É mais forte do que eu: adoro carteiras... Então... de vez em quando, arranjo uma, ponho-lhe uma etiqueta com o nome do proprietário...

... e acrescento-a à minha colecção...

Ouso dizer-lhes, senhores, que é uma colecção única no género. E hão-de concordar que foi um trabalho notável organizá-la em apenas três meses...

É incrível! Todas estas carteiras estão arrumadas por ordem alfabética!

Nesse caso... É claro que seria uma sorte extraordinária...

Achei!

Pertence a Máximo Pardal subtraída em 25 de junho

Cá estão os dois pergaminhos!... É nosso o tesouro de Rackham, o Terrível!

Adeus! Não se esqueçam de procurar na letra D!

Na letra D?

Na letra D? Porquê na letra D?...

Mas... céus! Esta carteira é minha!...

«Pertence a Dupond»! Esta é tua!...

Pertence a Dupont... pertence a Dupond... Dupont... Dupond... Dupont... Dupond... Dupond... Dupont... Dupont.... Dupond... Dupond... Dupond...

No dia seguinte...

O tesouro de Rackham, o Terrível, é nosso... Muito fácil dizer: o certo é que temos dois pergaminhos, mas ainda nos falta um...

É claro que...

DRRING DRRING DRRING

Está?... Sim, sou eu... Como está?... É verdade? Prenderam-no?...

Não fomos nós exactamente. Mas foi graças às nossas indicações que o apanharam no preciso momento em que tentava passar a fronteira.

E o terceiro pergaminho? Encontraram-no?...

Sim, ele tinha-o consigo. Já lho levamos. Antes, porém, temos que ajustar contas com aquele malfadado antiquário...

?

... Dupond, segura um instante a minha bengala enquanto eu trato deste senhor...

Três irmãos unidos. Três Licornes navegando juntos ao sol do meio-dia falarão. Pois é da luz que há de vir a luz E resplandecerá.

20 7 5 N.

a † da Águia.

Três irmãos unidos. Três Licornes navegando juntos ao sol do meio-dia falarão. Pois é da luz que há de vir a luz E resplandecerá.

42 1 0

a † da Águia.

os. Três
ndo juntos
ia falarão.
luz que há de vir a luz.
E resplandecerá.
52

3

a † da Águia.

Bolas, bolas e bolas!... Continue a procurar, se quiser! Eu estou farto; desisto!... E tanto pior para o tesouro desse idiota do Rackham, o Terrível. Com mil macacos! Prefiro renunciar a ele a ter de quebrar a cabeça para compreender qualquer coisa dessa confusão toda!... Uf! Isso faz-me sede!

Já percebi, capitão!... Já percebi!...

Vai ver que estes pergaminhos falam verdade, ao dizer que é da luz que virá a luz!... Veja! Vou sobrepô-los...

... e colocá-los, assim reunidos, diante desta lâmpada. Veja agora. Olhe à transparência...

Com mil raios!... Os números e os sinais completam-se!... E isso dá...

Três irmãos unidos. Três
Licornes navegando juntos
ao sol do meio-dia falarão.
Pois é da luz que há de vir a luz
E resplandecerá.

20 37 42 N. 70 52 15 W.

a † da Águia.

... Uma latitude e uma longitude!

... que indicam, com certeza, o lugar onde se afundou o Licorne!

Então, capitão?... Quando partimos à procura do tesouro?

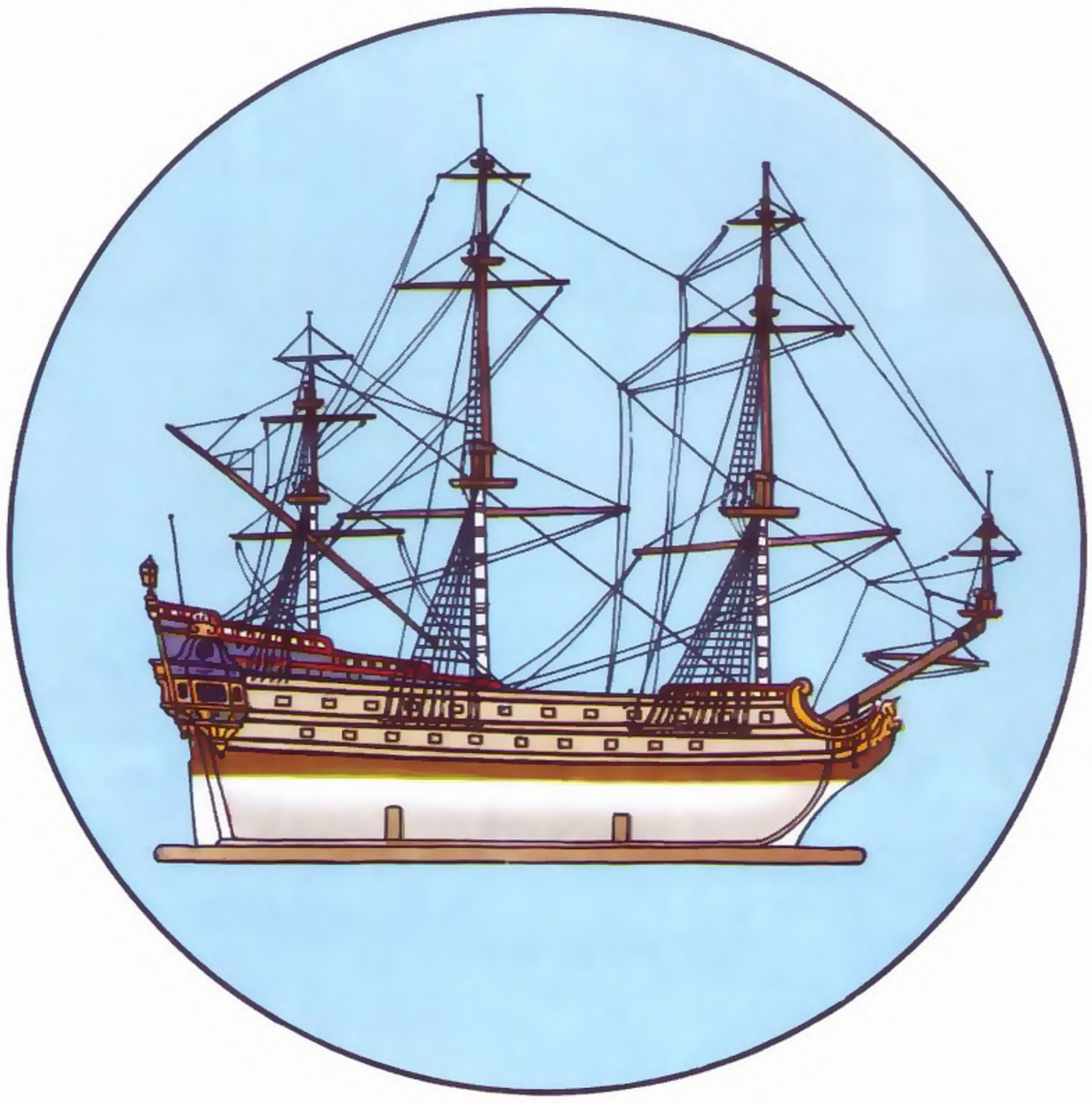
Quando partimos?... Aah...

Ora bem... primeiro, precisamos de um navio... podemos alugar o Sirius, a traineira do meu amigo capitão Chester... depois, precisamos de uma tripulação, de escafandristas e de todo o material necessário a uma expedição desse género... tudo isto leva um certo tempo. Digamos um mês. Sim, dentro de um mês poderemos partir.

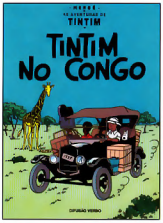
A nós, o tesouro de Rackham, o Terrível!

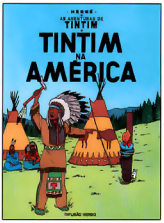
Naturalmente, não será fácil. Antes de descobrirmos esse tesouro, teremos, sem dúvida, ainda muitas aventuras. São essas aventuras, caros amigos, que serão contadas em: O Tesouro de Rackham, o Terrível.

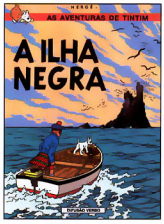
- HERGÉ -

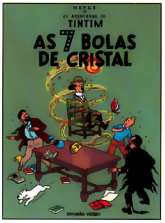


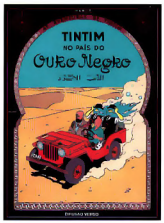
ORDEM CRONOLÓGICA DAS EDIÇÕES:

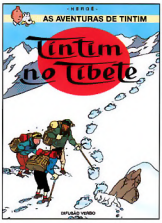


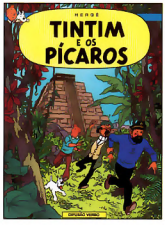




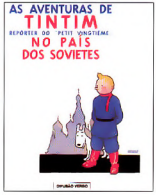








EDIÇÕES ESPECIAIS:



PÚBLICO

Promoway

DIFUSÃO VERBO

Venda exclusiva com o jornal PÚBLICO.
€ 4 + preço do jornal.

5 600227 301073 00009